



Solar —
Galeria de Arte
Cinemática
Exposição/
Exhibition

Vila
do Conde
02.Mar.
— 08.Jun.
2024

Cinema
Exposições
Ateliês
e muita
animação

MAPA 19

Solar – Galeria de Arte Cinemática
Rua do Lidador 139
Vila do Conde
T 252 646516
solar@curtas.pt
Facebook.com/solar.gac
Instagram.com/solar_galeria
www.solar.curtas.pt

Facebook.com/
servicoeducativo.curtas
Instagram.com/animar.
servicoeducativo
www.animar.curtas.pt

Mais informações e reservas
s.educativo@curtas.pt
T 252 631200

Curadoria
Nuno Rodrigues,
Tiago Bartolomeu Costa

Produção

Maria Cardoso

Apoio à produção

Cândida Martins,
Maria Ana Marques,
Ana Ferreira

Serviço Educativo

Ana Luísa Martins

Apoios

Bruna Oliveira

Montagem

Ricardo Ramos,
Pedro Teixeira

Comunicação e imprensa

Mariana Vieira

Fotografia

João Brites

Design gráfico

João Faria, drop.pt

Spot vídeo

Loop Audiovisual Studio

Direção artística

Miguel Dias, Mário Micaelo,
Nuno Rodrigues

Imagem original do filme
“Até Amanhã, Mário”
de Solveig Nordlund

A Galeria Solar agradece a todos os que colaboraram com o projeto ANIMar 19, em particular aos autores, seus representantes e herdeiros. Abel Coentrão, Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, Cinemateket i Oslo, David Doutel e Vasco Sá, Filipe Raposo, Jorge Jácome, Margarida Magalhães, Mestre Benjamin e João Leite, Mónica Santos, Norsk filminstitut, Portugal Film - Portuguese Film Agency.

A Solar – Galeria de Arte Cinemática acolhe a 19ª edição da ANIMAR, o projeto de ocorrência anual que parte de uma exposição nuclear para se desdobrar em diversas atividades paralelas que se movem dentro da mesma temática, desde sessões de cinema, oficinas e até visitas guiadas.

A ANIMar 19 escapa à tendência habitual de se focar no Cinema de Animação, para colocar em cena a história do Cinema Português. Em parceria com o projeto de digitalização do património fílmico FILMar, da Cinemateca Portuguesa, esta edição navega por entre produções documentais, etnoficcionais e até publicitárias, todas elas intimamente ligadas ao mar.

A par da exposição que ocupa a Galeria Solar, a ANIMar 19 conta ainda com um Ciclo de Cinema a decorrer no Teatro Municipal de Vila do Conde. Permanecendo fiel à sua principal missão, a ANIMar cultiva paralelamente dinâmicas formativas com a comunidade educativa da região Norte através de diferentes iniciativas. Além de visitas guiadas adaptadas a diversos públicos, são levadas às escolas sessões de Curtas sobre o mar, pensadas em função de diferentes faixas etárias, e oficinas de curta e longa duração, que promovem o ensino e prática da criação cinematográfica, pela mão dos próprios artistas.

Tendo em mente os 50 anos da Revolução do 25 de Abril, a ANIMar promove ainda duas novas iniciativas que celebram uma das datas de maior relevância nacional. Nascem assim as Conversas de Abril, que terão lugar na Loja das Curtas, adjacente à Galeria. Abertas ao público, estas tertúlias criam espaço para a partilha de histórias e estórias em torno da Revolução dos Cravos. Surge também um conjunto de sessões de Curtas de Abril, que faz chegar às escolas imagens e narrativas reminiscentes da ditadura, resistência e liberdade. ■

ANIMAR 19

Exposição

03.03.2024 — 08.06.2024

SOLAR - GALERIA DE ARTE CINEMÁTICA
VILA DO CONDE

O mar como ponto de partida, numa exposição-mapa que nos devolve, e estimula, a memória, as imagens e as ideias que o cinema foi guardando de qualquer coisa maior do que nós. Até 08 Junho, a Galeria Solar e o projeto FILMar, da Cinemateca Portuguesa, propõem uma viagem visual e sensorial à fronteira entre o mar e o cinema, com filmes, sons, sessões e atividades pensadas para os mais diversos públicos, e a pensar na construção de uma comunidade de espetadores que se unem a partir das mesmas imagens.

Ao longo de três anos, a Cinemateca Portuguesa desenvolveu um projeto de identificação, preservação, digitalização e difusão do património fílmico relacionado com o mar que teve, em Vila do Conde, uma das suas mais estruturantes âncoras. Fosse no festival Curtas, com o qual se organizaram homenagens a António Campos (1922-1999) e Augusto Cabrita (1923-1993), ou com o programa O Dia Mais Curto, onde, em Lisboa, apresentámos uma seleção de curtas-metragens de arquivo e contemporâneas, encontrámos sempre modos de pensar como integrar as curtas-metragens – a verdadeira força do cinema português – num discurso e num fazer atuais e que, com esta nova e inventiva abordagem, sublinha a cumplicidade entre duas visões sobre uma mesma missão de serviço público, a da partilha da memória e das histórias que o cinema fixou.

ANIMar, na imensa felicidade de um nome com quase duas décadas parecer ter esperado por um projeto sobre o mar, é a possibilidade de construir-mos narrativas a partir de geografias, temporalidades e olhares distintos que, contudo, observam uma mesma matéria, sem nunca se deixarem definir. A abordagem ao mar enquanto elemento central de uma leitura da produção cinematográfica nacional – aqui entendendo-se o cinema como lugar de exibição, antes do surgimento da televisão, e lugar de experimentação e resistência social, estética e política – é ampla nas temáticas e os filmes aqui reunidos, possibilitando referências geográficas, práticas laborais, culturais e sociais, narrativas oficiais e o seu contracampo.

Percoremos o país, as suas praias, as histórias das comunidades piscatórias, das fábricas à faina, do turismo ao medo, não para reforçar a narrativa de um país de marinheiros e pescadores, mas para interrogar que identidades múltiplas e contrastantes resistiram à definição limitada e humilde que durante tantos anos se impôs como verdadeira. Este atravessar do país pelo mar, através do cinema é, nos 50 anos do 25 de Abril, a escrita de uma história das imagens e de como estas ajudaram a defender a ideia de que havia muito mais para lá do princípio de dependência do mar. Havia, isso, sim, um intenso questionamento sobre a verdade que o cinema foi fixando, por obrigação e como modo de resposta mais crua, e através dele, agora, a possibilidade de diálogo, de reflexo e de análise, didática, construtiva, interpeladora e em perspetiva, onde se misturam técnicas, estilos, géneros, durações, práticas, intenções e memórias.

Observamos, pelo olhar de quem assina os filmes, como quiseram tratar a relação do mar com as pessoas, inscrevendo-as na paisagem, suportando-a ou rejeitando-a, por vezes fugindo, tantas vezes sobrevivendo mas sempre, e porque trabalhado pelo cinema, enquanto hipótese interpeladora sobre a verdade que possa ficar a cada vaga.

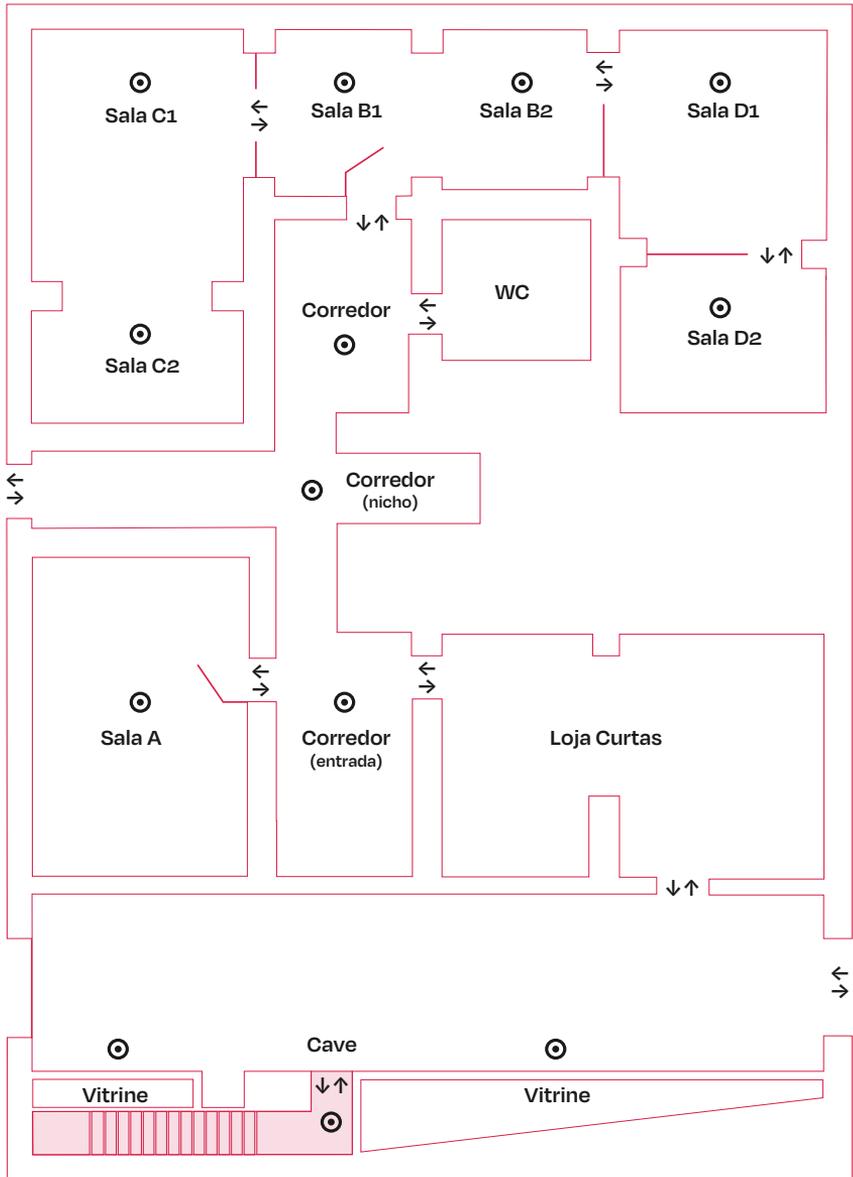
O conjunto de filmes aqui reunidos – pela primeira vez num número muito superior ao que seria habitual no histórico deste programa – é, ainda, uma hipótese de mapeamento emocional tanto da nossa relação com as imagens, como com o mar, como se este fosse o imenso ecrã que precisamos enfrentar para nos conhecermos melhor.

O projeto ANIMar compreende, ainda, um conjunto de sessões no Teatro Municipal de Vila do Conde, com uma seleção de títulos que ampliam esta exposição, e permitem que possam ser vistos no lugar para o qual foram pensados, a sala de cinema. A nossa experiência de espetadores é feita de um intenso diálogo não apenas com os filmes, mas também com todos os espetadores anónimos que, no mesmo local e à mesma hora, irão passar a partilhar as mesmas referências que nós.

O FILMar agradece muito a toda a equipa da Galeria Solar, do Curtas e da Agência da Curta-Metragem por todo o cuidado com que olharam para a efemeridade deste projeto da Cinemateca Portuguesa e, por isso e desde a primeira hora, escolheram contrariá-la. A acessibilidade não se extingue na digitalização dos filmes, porque só acontece quando os filmes podem ser vistos. E isso só é possível porque há quem cá esteja antes, acompanhe durante e fique depois de todos os projetos com data de fim.

A digitalização dos filmes apresentados nesta exposição foi realizada pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, no âmbito do projeto FILMar, financiado pelo programa Cultura dos EEAGrants, operacionalizado por Património Cultural, I.P, com exceção dos filmes FLORES, PEIXE-LUA, A FESTA, O GRUPO DE BAILADOS VERDE-GAIO EM TRECHOS DO BAILADO NAZARÉ, DESGARRADA DO PEIXE CONGELADO, OS TOIROS NA FAINA AGRÍCOLA RIBATEJANA e AGOURO ■

Tiago Bartolomeu Costa, 2024
Coordenador do projeto FILMar





Ancorada por uma seleção de filmes marítimos antigos, a exposição é complementada pela instalação artística com redes marítimas suspensas em padrões intrincados.

As redes do mar são o elemento principal, um instrumento essencial dos pescadores, onde são aqui transformadas em símbolos de beleza e interligação.

Penduradas no teto em ondas em cascata, as redes criam uma atmosfera etérea, evocando os movimentos rítmicos do oceano.

Os ecrãs estão estrategicamente colocados no meio das redes marítimas, onde estes filmes oferecem uma janela para uma era passada, relatando as comunidades marítimas e a ligação humana com o mar.

A película é também ela parte do que as redes apanham, acrescentando uma relação surreal entre as redes e o cinema. As letras de "Animar" também estão dentro das redes como que apanhadas neste conjunto marítimo. ■

INSTALAÇÃO
Mónica Santos, 2024



E DO MAR NASCEU (EXCERTO)

🕒 Vitrines

O filme que abre esta exposição regista, a partir de imagens realizadas num registo familiar, a praia de Vila do Conde em momentos de descontração. A praia era, assim, lugar de descoberta e liberdade, e cenário de trabalho, com a faina a ocupar o mesmo território do lazer. O cinema registou esses dois usos, fixando práticas sociais, laborais e comunitárias e sem comentar e para espanto futuro, guardando o quotidiano das comunidades a que pertencemos. O filme de Ricardo Costa é, nesse aspeto, distinto, já que, voltando aos mesmos lugares, atende ao primado da inquietação, na procura de um contexto de resposta e de interpretação que se limita a registar, mas a interrogar o que é uma vida reconstruída após a revolução. O cinema é, aqui, lugar de interrogação sobre a própria paisagem.

VILA DO CONDE

Sem data e autoria identificada
[Coleção "Doação de D. Beatriz Maria de Sotto Mayor
Pinto de Castello Branco"]

E DO MAR NASCEU

Ricardo Costa, 1977

A erupção do vulcão dos Capelinhos, em 1958, levará à transformação da ilha do Faial, não apenas porque se viu acrescentada de 2 kms de novo território, mas também porque, e pela primeira vez, foi criada, nos Estados Unidos da América, uma lei específica que permitisse acolher as famílias que, assustadas e derrotadas pelo desaparecimento das suas casas e terras, procuravam uma outra vida que, sabiam-no, o regime português escolhia não lhes oferecer. Mas face ao horror das consequências da erupção, as imagens captadas por Raquel Soeiro de Brito, que filmou ao longo de quase um ano todo o processo de erupção, revelavam a natureza em todo o seu esplendor, tanto na construção de novas paisagens, como no desafio ao tempo. Juntamos-lhe uma sequência de FLORES, de Jorge Jácome, rodado nos Açores, e uma fantasia social, poética e política, onde uma comunidade se vê confrontada com a necessidade de escapar, face às transformações provocadas por uma planta invasora, a hortênsia. Nos dois casos, a natureza a reclamar o seu espaço face à presença humana, e onde a ilha serve de metáfora para a solidão e errância das comunidades.

FLORES (EXCERTO)

Jorge Jácome, 2017

ERUPÇÃO VULCÂNICA DOS CAPELINHOS, FAIAL, AÇORES

Raquel Soeiro de Brito, 1958

Com acompanhamento musical
de Margarida Magalhães/Raw Forest



Corredor- Entrada

O imaginário visual de José Álvaro Morais, encontra o mar na mais distante das paisagens, atravessada por um barco na intensa e quente planície alentejana, como se o mar fosse a derradeira hipótese de fuga para as tensões familiares e emocionais. Filme fulgurante e em permanente escape, PEIXE-LUA é um exemplo de como o mar pode ser hipótese narrativa sem precisar de ser ponto de fixação geográfico.

PEIXE-LUA

José Álvaro Morais, 2000

Série de quatro imagens



Sala A

Poderíamos ler neste documentário de António Campos um prenúncio das alterações climáticas e da força da natureza, se nos fixássemos na legenda final, que anuncia que esta terá sido a última campanha de pesca do atum na ilha da Abóbora, ao largo de Tavira, já que a ilha foi destruída pelo avanço do mar. Do mesmo modo, este filme poderia ser visto como sendo a antecâmara da dispersão comunitária e da perda de uma prática laboral e, nesse sentido, documento histórico, que é, sobre a permanente perda que o mar transporta. Mas, sendo tudo isso é, ainda e sobretudo, um poderoso exemplo de como o cinema pode criar tensões no uso adequado e contemporâneo de elementos distantes, no caso, uma prática secular de pesca do atum – almadraça é o nome do gancho usado pelos pescadores na técnica de cerco do peixe – e a música que Igor Stravinsky compôs para o bailado SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA, em 1913, coreografado por Nijinsky, na coincidente temporalidade de a pesca decorrer entre Abril e Outubro.

Este filme é acompanhado por um vídeo que mostra um exemplo do trabalho de conservação e restauro feito pelo Arquivo Nacional das Imagens em Movimento, da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema.

A ALMADRABA ATUNEIRA (EXCERTO)

António Campos, 1963



A ALMADRABA ATUNEIRA



🕒 Corredor – Nicho

A praia da Nazaré é um dos lugares mais filmados na história do cinema em Portugal e para isso muito contribuiu, por um lado, o experimentalismo de José Leitão de Barros, trabalhando a partir da matéria real para contruir, em tempo de vanguardas, um cinema que não recusava olhar para uma realidade em tudo contrastante com a modernidade e, por outro, a explícita vontade, depois disso, de a política de espírito imposta pela ditadura do Estado Novo, de usar a Nazaré como modelo de resignação e humildade. A isso vai contrapor Manuel Guimarães, num filme que será amplamente censurado, mas que fica como exemplo da bravura de uma comunidade limitada na sua identidade. Não obstante a factualidade das imagens – como mostrará F. Carneiro Mendes em 1936 – certo é que sobre a Nazaré pende o anátema da representação cinematográfica de um país empobrecido e agradecido que as produções estrangeiras podiam usar como cenário – como em OS AMANTES DO TEJO (Henri Verneuil, 1955), onde Amália Rodrigues surgia a cantar Barco Negro – mas as produções nacionais deveriam sublinhar a honradez da miséria.

VÁ D'SU – CENAS E TRECHOS DA NAZARETH

F. Carneiro Mendes, 1936

MARIA DO MAR (EXCERTO)

José Leitão de Barros, 1930

NAZARÉ (TRAILER)

Manuel Guimarães, 1952

Com acompanhamento musical de Filipe Raposo para o filme NAZARETH, PRAIA DE PESCADORES, de José Leitão de Barros (1929), em encomenda da Cinemateca Portuguesa, 2021, adaptada para a Galeria Solar.





Corredor

O modo como as comunidades se relacionam com o mar, para lá do trabalho, tem nas práticas sociais e comunitárias exemplos que, ainda hoje, constituem motivo e motor de interpeleção identitária, de diálogo ou recusa. Os três exemplos aqui reunidos, são distintos nessa abordagem, sendo o bailado NAZARÉ, filmado por António Lopes Ribeiro, a captação, em palco, de um dos muitos concebidos pela companhia criada pelo Secretariado Nacional de Propaganda, que entendeu criar em Portugal a resposta nacional-pitoresca dos Ballet Russes, de Sergei Diaghliev, no âmbito do qual foi criada, por exemplo SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA. Os restantes exemplos, usos populares e extensões de gestos de trabalho em momentos de lazer, demonstram o modo como a dança pode ser, também, momento tradutor da união das comunidades que, pelo gesto, encontram modos de fazer frente às dificuldades da faina. No caso de A FESTA, António Campos filma as cerimónias religiosas e pagãs dedicadas a São Pedro, no verão quente de 1975, na Praia da Vieira, em imagens que deveriam integrar o filme GENTE DA PRAIA DA VIEIRA (1976), mas que ganharam autonomia pelo modo como registam o humanismo para lá da política e da devoção. Em E DO MAR NASCEU, Ricardo Costa regista o palco como lugar de reflexão e reflexo sobre o que são imagens parateatrais e performáticas de costumes e tradições.

O GRUPO DE BAILADOS VERDE - GAIO EM TRECOS DO BAILADO NAZARÉ

António Lopes Ribeiro, 1962

A FESTA (EXCERTO)

António Campos, 1975

E DO MAR NASCEU (EXCERTO)

Ricardo Costa, 1977





A EXTRAORDINÁRIA AVENTURA DO ZÉCA



DESGARRADA DO PEIXE CONGELADO

🎯 Sala B1

Dois exemplos de como a publicidade podia ser lugar de experimentação e inovação, e de como a animação é, no cinema, fértil campo para criar possibilidades discursivas e narrativas coletivas. No primeiro caso, na mistura entre imagem real e a técnica de stop motion, é a promoção da banana da Madeira, na década de 1930, que se serve do cinema com o propósito de, numa narrativa complexa, destacar as qualidades da fruta, enquanto as envolve numa teia de relações, objetivos e diferentes versões da mesma realidade. No segundo, a promoção das qualidades do peixe congelado serve de mote para uma desgarrada onde à tipificação dos melhores peixes, se juntam as características identificáveis de um panteão de celebridades do fado, do mais castiço ao erudito. Dois exemplos de como a animação é lugar cimeiro na permeabilidade discursiva e visual.

A EXTRAORDINÁRIA AVENTURA DO ZÉCA

Adolfo Coelho, 1936

DESGARRADA DO PEIXE CONGELADO

Artur Correia, 1979

[Anúncio publicitário da Serviço de Abastecimento de Peixe ao País]



ATÉ AMANHÃ, MÁRIO

A infância tem, com o mar e a praia, relação de intensa ansiedade e expectativa que, de certo modo, estes filmes procuram sublinhar e denunciar. O mar como escape, para o jovem Mário, na ilha da Madeira, é hipótese de múltiplas sobrevivências, tanto quanto parecem limitadas as soluções no Portugal pós-revolucionário para a jovem geração na ilha da Culatra, em Faro. São realidades que apontam para uma sobrevivência ainda inocente mas já instintivamente sabedora das dificuldades que existem para lá da alegria das praias. Os dois excertos aqui mostrados, em filmes que tratam as crianças como seres pensantes e não arquétipos manietados, servem de alerta para a mitificação do papel da criança na sua relação com a aventura e o conhecimento. As três imagens que completam este conjunto, sublinham, ao mesmo tempo, a capacidade de resistência e atenção dada ao detalhe e à imaginação para o enfrentar das realidades adversas. São filmes que, na relação entre o espaço e o tempo, oferecem leituras perpetuamente ligadas ao incumprimento das condições de acesso das crianças à qualidade de vida.

ATÉ AMANHÃ, MÁRIO (EXCERTO)

Solveig Nordlund, 1993

AREIA, LODO E MAR (EXCERTO)

Amílcar Lyra, 1977

Série de três imagens dos filmes

ANIKI BOBÓ

Manoel de Oliveira, 1942

29 IRMÃOS

Augusto Fraga, 1965

CONTINUAR A VIVER OU OS ÍNDIOS DA MEIA-PRAIA

António da Cunha Telles, 1976



🕒 Sala C1

Resultante do mesmo ateliê de produção que *DESGARRADA DO PEIXE CONGELADO*, a TopeFilmes, este *A LENDA DO MAR TENEBROSO* é um desassombrado exercício de releitura da história trágico-marítima nacional que, já estreado em democracia, desmonta os arquétipos narrativos da nossa relação com o mar, tentando lidar com mitos e as consequências da perpetuação dessas ideias. A clareza do traço e a riqueza visual, narrativa e dramática de Ricardo Neto é exemplo de uma qualidade que o cinema de animação português viria a confirmar nas gerações seguintes.

A LENDA DO MAR TENEBROSO

Ricardo Neto, 1975

🕒 Sala C2

Na fria noite de 16 janeiro 1913, um navio procedente de Vigo, com destino a Buenos Aires, encalhou em frente à praia da Boa Nova, transportando 129 passageiros e tripulação. O esforço de salvamento ficou registado pela Invicta Film, naquele que é um dos primeiros documentos da história do cinema em Portugal e um dos principais exemplos da técnica de resgate da bóia-balão, inovadora técnica que haveria de salvar a quase integralidade dos ocupantes do navio. A bravura deste resgate, que o cinema permite guardar, haveria de perdurar na memória da populações locais, tanto quanto o naufrágio que haveria de inspirar Alfredo Cortez a escrever *ALA-ARRIBA* para José Leitão de Barros haveria de continuar inscrito na memória local de Póvoa de Varzim, já descrita inicialmente no romance *O POVEIRO*, de António dos Santos Graça. Um aspeto curioso, em vez de, o convite de Leitão de Barros segue-se ao sucesso de *TÁ-MAR*, peça de Cortez para a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, estreada no Teatro Nacional D. Maria II em 1936, e localizada na mesma Nazaré que inspirara Leitão de Barros em *MARIA DO MAR*, e que incluía uma sequência de dança que está na origem do bailado *NAZARÉ*, que será filmado por António Lopes Ribeiro anos mais tarde. A peça daria origem, no mesmo ano, a uma ópera, de Ruy Coelho, autor da partitura de *ALA-ARRIBA*.

O NAUFRÁGIO DO VERONESE

Invicta Film, 1913

ALA-ARRIBA (TRAILER)

José Leitão de Barros, 1942





© NAUFRAGIO DO VERONESE



ALA-ARRIBA

A hipótese de podermos relacionar os filmes a partir de uma mesma prática, sublinha o potencial de intemporalidade dos filmes e das memórias que a estes poderemos associar. No caso específico, o uso de animais de carga para a faina é imagem indissociável de décadas de prática tradicional e que, no cinema, foi explorado enquanto identidade visual das paisagens costeiras.

Na relação que se possa estabelecer entre essa prática marítima e de rio, é da relação entre o homem e o animal que importará retirar uma lição sobre a interdependência e a possibilidade de equilíbrio ecológico. Os dois filmes, distintos nos seus propósitos são, contudo, abordagens visualmente ricas sobre o modo como a natureza encontra respostas para o que possa ser imaterial e indizível.

OS TOIROS NA FAINA AGRÍCOLA RIBATEJANA

Adolfo Coelho, 1939

AGOURO (EXCERTO)

Vasco Sá e David Doutel, 2018

Neste filme ressaltam-se as imagens das intensas dificuldades que a mão-de-obra, encontrava – sublinhando aqui a intensa presença feminina – para cumprir os objetivos de industrialização a que o país se propunha, com as cada vez mais exigentes campanhas de pesca do bacalhau na Noruega, primeiro e, no final da década de 1920, na abertura de vias na Terra Nova. A consequência do aumento da quota de pesca, levaria a um êxodo migratório do interior para o litoral, fixando ou alargando comunidades que constituiriam grande parte do imaginário nacional do qual ainda hoje somos herdeiros.

PESCA DO BACALHAU

Films Sanmael, 1931



OS TOIROS NA FAINA AGRÍCOLA RIBATEJANA



AGOURO



PESCA DO BACALHAU

A canção que ouvimos Amália Rodrigues gravar – CANA VERDE DO MAR – dois anos antes de a apresentar em França, país para o qual este documentário foi feito, participa, para lá das intenções da fadista, num exercício de identificação do que é reconhecível, ou vendável, enquanto tipicamente português, assinado por um realizador ao serviço do regime, Jean Leduc.

O filme, pensado para a televisão francesa, tem o primor de mostrar Amália Rodrigues em ensaios interpretando uma canção popular, e construindo uma banda-sonora que sublinha a alma portuguesa, tal como o Estado Novo a concebeu, de um falso cosmopolitismo e diversidade. O filme incluiria ainda a presença do Duo Ouro Negro e, numa história continuada, a ilustração dos monumentos históricos que sublinhavam a predestinação à grandeza. É a sua voz que ouvimos enquanto vemos as imagens de um outro filme, SOBRE A TERRA E SOBRE O MAR, de Miguel Spiguel, curiosa e misteriosa abordagem à relação entre a natureza e a construção

naval, onde são as árvores, e as diferentes qualidades de madeira, que nos dão conta da diversidade de barcos que constituem um património piscatório. Esta deambulação poética e geográfica, contrasta com o percurso de um realizador participante do imaginário visual que faria as imagens do regime.

SOBRE A TERRA E SOBRE O MAR

Miguel Spiguel, 1964

DES PORTUGAIS (EXCERTO)

Jean Leduc, 1970



ANIMAR 19

Sessões de Cinema
02.03.2024 — 08.06.2024

2.Mar · Sáb Sessão de Abertura

TEATRO MUNICIPAL DE VILA DO CONDE · 16H00

TITINA

Kajsa Næss, 2022, ANI, 91'



O engenheiro aeronáutico italiano Umberto Nobile leva uma vida tranquila com a sua amada Titina, a cadela que resgatou das ruas de Roma. Certo dia é convidado pelo famoso explorador norueguês Roald Amundsen para o acompanhar numa expedição que tentará sobrevoar o Pólo Norte numa aeronave. O trio improvável Nobile, Titina e Amundsen lançam-se à aventura, desvendando os mistérios do único lugar por descobrir da Terra. Tudo corre às mil maravilhas até os dois homens começarem a competir pela glória e pela fama.

10.Mar · Dom

TEATRO MUNICIPAL DE VILA DO CONDE
CINECLUBE VILA DO CONDE
16H00 C/ APRESENTAÇÃO DE ABEL COENTRÃO + 21H30

E DO MAR NASCEU

Ricardo Costa, 1977, DOC, 37'



Nas Caxinas, em Vila do Conde, uma das maiores comunidades piscatórias do país, há quem procure concretizar Abril numa associação de desenvolvimento local e em cooperativas de pesca. Três anos depois da revolução, a experiência é acompanhada por uma equipa da cooperativa de cinema Grupo Zero, liderada pelo realizador Ricardo Costa.

ALA-ARRIBA (TRAILER)

José Leitão de Barros, 1942, FIC, 4'

Numa aldeia de pescadores pobres do Norte de Portugal, João Moço e Julha apaixonam-se. Infelizmente, pertencem a duas castas de pescadores diferentes e a comunidade, bem como as respetivas famílias, condenam o seu amor.

O NAUFRÁGIO DO VERONESE

Invicta Film, 1913, DOC, 5'



Documentário sobre o naufrágio dum paquete transatlântico, em 1913, que encalhou perto da praia da Boa Nova, em Matosinhos, e das impressionantes operações de salvamento da tripulação através de um cabo suspenso.

16.Mar · Sáb

TEATRO MUNICIPAL DE VILA DO CONDE · 17H00

A ALMADRABA ATUNEIRA

António Campos, 1961, DOC, 26'



Um documentário etnográfico em forma de homenagem ao trabalho dos pescadores de atum algarvios, e às suas famílias, durante a última “almadraba” na ilha de Abóbora, antes da destruição do arraial pelo mar.

AREIA, LODO E MAR

Amílcar Lyra, 1977, DOC, 58'



Registo da vida de uma comunidade piscatória isolada da ilha da Culatra. Num contraste com as formas cosmopolitas da “vivência” turística ao sul de Portugal, e distante mesmo das transformações sociais e políticas operadas no país, sobrevive esta comunidade, através da pesca e expedientes vários, em condições deploráveis.

6.Abr · Sáb

TEATRO MUNICIPAL DE VILA DO CONDE · 17H00

OS PESCADORES DE AMANGAU

Miguel Spiguel, 1958, DOC, 15'

Aspectos típicos e característicos do núcleo piscatório de Amangau, que vive quotidianamente nas suas embarcações, no porto de Macau.



DES PORTUGAIS

Jean Leduc, 1970, DOC, 20'

Tudo em Des Portugais denuncia a colagem ao discurso oficial do regime caduco. Tristíssimo retrato de um país perdido em trevas toldadas pela fanfarra do discurso, o brilho das cores soalheiras, um ritmo que, na aceleração da montagem supostamente vertiginosa, confunde geografias e salta realidades.

PORTUGAL DESCONHECIDO

Manuel Faria de Almeida, 1969, DOC, 17'



Integrado na campanha publicitária lançada pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo e pela Direcção Geral de Turismo, sobe o mote “Há sempre um Portugal desconhecido que espera por si”. Genéricos em animação.

14.Abr · Dom

TEATRO MUNICIPAL DE VILA DO CONDE
CINECLUBE DE VILA DO CONDE
16H00 C/ APRESENTAÇÃO DE ABEL COENTRÃO + 21H30

PESCA DO BACALHAU

Films Sanmael – Companhia Produtora
1931, DOC, 6'



PESCA DO BACALHAU

As várias etapas do processamento do bacalhau após a chegada de um lugre bacalhoeiro de três mastros na barra da Figueira da Foz: seca, salga, pesagem, venda.

Å SEILE SIN EGEN SJØ (VIDA COSTEIRA)

Øyvind Sandberg, 2002, DOC, 97'



Å SEILE SIN EGEN SJØ (VIDA COSTEIRA)

Um documentário que junta quatro retratos de quem vive do que a natureza produz, do mar e da terra, na costa norueguesa.

20.Abr · Sáb

TEATRO MUNICIPAL DE VILA DO CONDE · 17H00

A EXTRAORDINÁRIA AVENTURA DO ZÉCA

Adolfo Coelho, 1938, ANI, 7'



A EXTRAORDINÁRIA AVENTURA DO ZÉCA

Um miúdo tem um boneco chamado Zéca. Este vai de barco até à Ilha da Madeira, onde encontra a Rainha das Bananas. Uma Aranha gigante deixa-lhe uma mensagem, de que ela é uma impostora. A Rainha fica furiosa e ordena um torneio, durante o qual se prova que as Bananas da Madeira são as mais nutritivas e valentes.

ATÉ AMANHÃ, MÁRIO

Solveig Nordlund, 1993, FIC, 76'



ATÉ AMANHÃ, MÁRIO

Mário, um miúdo que vive de pedir esmolas no paraíso turístico da ilha da Madeira. Um dia da sua vida, de amanhã à noite.

8.Jun · Sáb Sessão de Encerramento

TEATRO MUNICIPAL DE VILA DO CONDE · 16H00

7.Mar · Qui

CINE-TEATRO GARRETT (PÓVOA DE VARZIM)
CINECLUBE OCTOPUS · 21H45

E DO MAR NASCEU

Ricardo Costa, 1977, DOC, 37'



ver sessão Dom, 10 Março

ALA-ARRIBA (TRAILER)

José Leitão de Barros, 1942, FIC, 4'

ver sessão Dom, 10 Março

O NAUFRÁGIO DO VERONESE

Invicta Film, 1913, DOC, 5'

ver sessão Dom, 10 Março

Esta sessão conta ainda com a exibição do filme "O CORNO DO CENTEIO" de Jaione Camborda (2023, FIC, 105').

OFICINAS DE LONGA DURAÇÃO

Oficina orientada por Carolina Bonzinho e Miguel Lima

Crianças entre os 6 e os 12 anos da Casa da Criança da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde

A partir do arquivo de "O Naufrágio do Veronese" foi imaginada e animada uma história que conta os diferentes destinos de tripulantes do navio encalhado a norte de Leixões. Durante a oficina foram exploradas diferentes técnicas de animação e de criação de cenários, tais como recortes, animação frame a frame e pintura sobre imagens de arquivo.

Oficina orientada por Helena Estrela

Turma de 12º ano do Curso de Artes Visuais da Escola Secundária José Régio, Vila do Conde

Esta oficina propõe a criação de um filme coletivo a partir de uma colaboração horizontal, alternativa ao tradicional sistema de produção de cinema. Para desenvolver este objeto partiu-se de diferentes exercícios de observação, escuta, análise, escrita, desenho e narração, para ativar a imaginação e encontrar formas de partilhá-la. Na sequência destes exercícios, os participantes criaram a sua própria metodologia para a realização do filme, ajustada às suas intenções e vontades. Ao longo da oficina foram introduzidas ferramentas de experimentação com som e imagem, através de técnicas de filmagem em 16mm, gravação de som, intervenção direta na película e projeção. Pretende-se expandir os horizontes dos participantes no domínio das imagens em movimento e estimular um pensamento crítico sobre trabalho criativo com processos colaborativos, para desafiar a forma de pensar, fazer e ver cinema.

Oficina orientada por Tânia Dinis

Turma de 8º ano da Escola EB 2,3 Cego do Maio, Póvoa de Varzim

Através de fotografias de arquivo, diapositivos, imagens em movimento e outros documentos visuais, a turma que participou nesta oficina, por meio de uma lenta manipulação das imagens, produziu intersecções e sobreposições, seguindo o ritmo interior do arquivo, e recorrendo a materiais como papel celofane, lupas, filtros, tintas, palavras, sons, elementos relacionados com o mar, e construiu pequenas sequências narrativas, num exercício de confrontação da imagem com o som, explorando assim as várias possibilidades de encenação ficcional.

ANIMAR PARA ESCOLAS

Sessões de Cinema

Nesta edição, para além das sessões especiais abertas ao público, a Solar pensou um conjunto de sessões e oficinas especialmente destinadas ao público escolar, adaptadas às várias faixas etárias. Estas sessões e oficinas são realizadas mediante marcação e poderão acontecer no espaço da escola ou no Teatro Municipal. Horário a definir mediante reserva e disponibilidade.

CURTAS DO MAR

Uma cidade costeira abandonada, um dia de verão na praia, uma nau que navega, um marinheiro que partilha o seu saber, ou até... um cão marinheiro. Múltiplas e diversas são as histórias que o mar nos conta.

Sessão M/6

MAR À VILA

Estudantes do 12º ano, sob orientação de Bastien Dubois, 2014, Portugal, ANI, 2'25''



O abraço do mar à terra e às gentes de uma cidade que assim se mostra e se sente.

NAU CAXINETA

Estudantes do 4º ano, sob orientação de Vasco Sá e David Doutel 2012, Portugal, ANI, 4'06''



Lá vem a Nau Caxineta que tem muito que contar Já passa ano e dia que anda nas ondas no mar. Um filme dos alunos do 4º ano da Escola EB das Caxinas, Vila do Conde A partir de uma adaptação livre do livro "A Nau Mentireta" de Luisa Ducla Soares.

DODU – O RAPAZ DE CARTÃO

José Miguel Ribeiro, 2010, Portugal, ANI, 5'

Um rapaz de cartão. Um caixote de cartão. Um rapaz de cartão faz-de-conta dentro dum caixote de cartão. Dodu, o rapaz de cartão, é muito sensível e vive numa cidade hostil para as crianças. Por isso, passa muitas horas dentro de casa, a brincar com Carica, a sua amiga joaninha. Sempre que Dodu arranha a superfície do caixote de cartão, cria mundos maravilhosos habitados por criaturas invulgares que o ajudam a lidar com as suas emoções e a crescer.



DODU – O RAPAZ DE CARTÃO



OS OLHOS DO FAROL

OS OLHOS DO FAROL

Pedro Serrazina

2010, Países Baixos/Portugal, ANI, 15'

Numa ilha rochosa e exposta aos elementos, um faroleiro vive isolado com a sua filha. Do alto da sua torre o pai vela rigorosamente pelo horizonte e pela segurança dos barcos que passam. Sem outra companhia, a rapariga desenvolve uma cumplicidade única com o mar, que lhe traz brinquedos sob a forma de objectos que dão à praia. Ao ritmo das ondas, estes objectos desvendam acontecimentos antigos, memórias que as marés não conseguem apagar...

CÃES MARINHEIROS

Joana Toste, 2007, Portugal, ANI, 6'30''

Quando um casal de cães possui um marinheiro para guardar o jardim, deve mantê-lo a todo o custo. É por isso, necessário fugir da proximidade do mar e sofrer as consequências. E a vida deve continuar.

O CAMPO À BEIRA MAR

André Ruivo, 2015, Portugal, ANI, 8'



Quando chega o verão as praias junto ao mundo rural são tomadas por estranhos invasores.

Sessão M/9

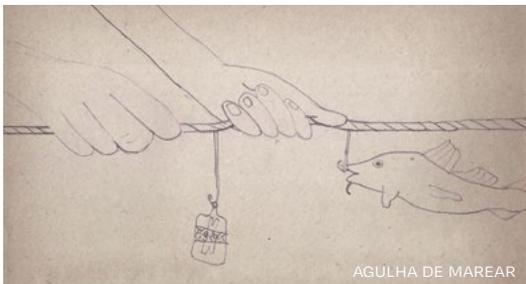
MAR À VILA

Ver sessão M/6

AGULHA DE MAREAR

Estudantes do 6º ano, sob orientação de Joana Nogueira e Patrícia Rodrigues

2018, Portugal, ANI, 3'28''



AGULHA DE MAREAR

Caxinas é terra de bacalhoeiros, onde a vida do mar é ferozmente vivida e o horizonte é uma presença constante, seja para os que partem como para os que ficam. Entrevistas a ex-bacalhoeiros foram o ponto de partida para a realização do filme. A linha do horizonte conduziu o olhar das crianças na criação das animações que dão vida às histórias dos bacalhoeiros, criando assim uma relação intergeracional.



CÃES MARINHEIROS



O CAMPO À BEIRA MAR

UMA MANHÃ NA FEIRA

Estudantes da universidade e 12º ano, sob orientação de Laura Gonçalves e Xá
2017, Portugal, ANI, 2'30''

Uma visita ao mercado.

CÃES MARINHEIROS

Ver sessão M/6

OS OLHOS DO FAROL

Ver sessão M/6

FADO LUSITANO

Abi Feijó, 1995, Portugal, ANI, 5'30''

Portugal sente-se um pequeno País na cauda da Europa. Tem um coração errante, um espírito aventureiro, uma alma amargurada e um corpo obediente.

O CAMPO À BEIRA MAR

Ver sessão M/6

Sessão M/12

PENÚMBRIA

Eduardo Brito, 2016, Portugal, FIC, 8'36''

Penúmbria, a distópica, foi fundada há duzentos anos num extremo de difícil acesso. De solos áridos, mares revoltados e clima violento, ficou a dever o seu nome à sombra quase permanente provocada por uma montanha a sul. Até que um dia, os seus habitantes decidiram entregá-la ao tempo. Esta é a história de um lugar inabitável.

NORTH ATLANTIC

Bernardo Nascimento
2010, Portugal/Reino Unido, FIC, 15'

Um controlador aéreo numa pequena ilha dos Açores entra em contacto com um piloto solitário, perdido sobre o Atlântico. Esta será a primeira e última conversa entre os dois.

NESTOR

João Gonzalez
2019, Portugal/Reino Unido, ANI, 6'

Nestor, um homem com vários comportamentos obsessivo-compulsivos, vive num barco-casa instável que nunca para de oscilar.

FADO LUSITANO

Ver sessão M/9

O CAMPO À BEIRA MAR

Ver sessão M/6



NESTOR

CURTAS DE ABRIL

No ano da comemoração dos 50 anos do 25 de Abril, apresentamos um conjunto de curtas-metragens, entre a ficção, a animação e o documentário, que procura evocar uma memória histórica do período da ditadura e da revolução de abril, bem como celebrar uma atitude de resistência e liberdade.

Sessão M/6

A MENINA PARADA

Joana Toste

2021, Portugal, ANI, 9'



Uma menina perde-se da mãe e recusa-se a sair do mesmo lugar. Um polícia impede todos os outros de a obrigarem a mexer. A menina parada e o polícia que a guarda param o trânsito e agitam os corações da cidade.

O CASACO ROSA

Mónica Santos, 2022, Portugal, ANI, 8'

Uma animação musical e política sobre um Casaco Rosa sempre com alguma na manga. No conforto do seu lar, Casaco Rosa tortura e costura os opositores do sistema. Baseado em Rosa Casaco, o inspetor da PIDE que chefiou a brigada que assassinou o General Humberto Delgado.



A NOITE SAIU À RUA

Abi Feijó, 1987, Portugal, ANI, 4'

Baseado no livro de João Abel Manta "Caricaturas Portuguesas dos Anos de Salazar", esta é uma animação panorâmica sobre uma aldeia dominada pela tirania. Rostos feridos de ausência, figuras hirtas de silêncio, terras salpicadas de sangue... E vamos morrendo adormecidos, indiferentes, até que as manhãs aconteçam.

O CRAVO DA LIBERDADE

Abi Feijó, Regina Pessoa e Pedro Serrazina com crianças de 11 e 13 anos da Escola das Taipas, 1996, Portugal, ANI, 4'

Filme de animação evocativo do 25 de Abril, realizado pelos alunos da Escola EB 2.3 de Caldas das Taipas.

O HOMEM DO LIXO

Laura Gonçalves

2022, Portugal, ANI/DOC, 11'50"



Numa tarde quente de Agosto, a família junta-se à mesa. As memórias de cada um vão-se cruzando para recordar a história do tio Botão. Da ditadura à emigração para França, onde trabalhou como homem do lixo, e quando voltava a Belmonte na carrinha cheia de "lixo" que transformava num verdadeiro tesouro.



Sessão M/12

A NOITE SAIU À RUA

ver sessão M/6

MENINA

Simão Cayatte, 2016, Portugal, FIC, 15'



Lisboa, 1971. Uma jovem “mulher do lar” ganha coragem e descobre uma realidade que mudará a sua vida.

LUGAR EM PARTE NENHUMA

Bárbara Oliveira e João Rodrigues
2016, Portugal, ANI, 16'

“Até que um dia... quando foi disparado o primeiro tiro, tivemos que abandonar as nossas residências.” Ema em 1975 estava à espera da chegada do seu primeiro filho, em Angola. No entanto a sua espera tranquila foi abruptamente interrompida por uma força que a retirou do seu conforto e mudou a sua vida para sempre.



ESTILHAÇOS

José Miguel Ribeiro, 2016, Portugal, ANI, 18'

Este é um filme sobre a forma como a Guerra se instala no corpo das pessoas que a vivem olhos nos olhos. E, depois, a milhares de quilómetros e dezenas de anos decorridos, contamina, como um vírus, outros seres humanos. “Estilhaços” revela como a guerra colonial se apoderou do corpo e da mente dos que regressaram, e como o trauma se pode transferir para as gerações seguintes.



O CASACO ROSA

ver sessão M/6

OFICINAS

Iniciação ao cinema de animação Oficinas de Brinquedos Óticos, Stop Motion e Pixilação

Duração: 90 a 120 minutos
Público-alvo: Pré-Escolar, Ensino Básico Secundário
e Superior

Informações úteis

ANIMAR 19 EXPOSIÇÃO

Inauguração

Solar – Galeria de Arte Cinemática
03.Mar · Dom · 17h00
C/visita guiada por Tiago Bartolomeu Costa

PREÇÁRIO E INFORMAÇÕES

Visitas à exposição

Solar Galeria de Arte Cinemática

Visita-guiada – 1€/aluno
Visita-oficina – 1,50€/aluno

Sessões de Cinema

Teatro Municipal de Vila do Conde

Sessão – 1€/aluno

Auditório Municipal de Vila do Conde

Sessão – 1€/aluno

Nas Escolas

30€ – até 30 alunos
50€ – até 50 alunos
80€ – sem limite de alunos

Oficinas nas Escolas

Município de Vila do Conde: 25€
Outros Municípios: 35€

Às oficinas e sessões de cinema nas escolas de outros concelhos acresce o valor da deslocação. Nestas atividades, a participação de professores é gratuita.

Informações e reservas

Ana Luísa Martins (serviço educativo)
s.educativo@curtas.pt · T 252 631 200



ORGANIZAÇÃO



PARCERIA



SOLAR - GALERIA DE ARTE CINEMÁTICA FINANCIADA POR



A SOLAR - GALERIA DE ARTE CINEMÁTICA É PARTE INTEGRANTE



COLABORAÇÕES



APOIOS



APOIO À DIVULGAÇÃO

